

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ará.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e. VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Gerente
Eváristo de Oliveira
Diretor Comercial
Mauricio Dinepi

No caminho certo

Um conjunto de circunstâncias favoráveis indica que as relações do Brasil com os organismos internacionais de crédito e financiamento apresentam perspectivas animadoras. Se bem que os horizontes ainda não estejam à vista, em razão das adversidades internas a serem vencidas, os fatos demonstram que, pouco a pouco, se desatam antigas e complicados impasses. Vai, assim, o País na rota certa para reinserir-se no contexto econômico mundial, hipótese perseguida pela atual administração política não como um objetivo em si mesmo, mas para figurar como agente e paciente das mudanças em curso na exploração e dinamização dos mercados.

Ainda agora, à margem da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92, o presidente Fernando Collor entreteve conversações bastante profícias com dirigentes do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, o Bird. Com o presidente do órgão, que é, junto com o FMI, o principal do sistema financeiro internacional, o chefe do governo brasileiro abrir espaço para um amplo programa de cooperação financeira. De fato, Lewis Preston, manager do Bird, prontificou-se a abri linha especial de financiamento ao Brasil da ordem de 500 milhões de dólares.

A importância em si, embora expressiva, ganha ressonância e alcance político por ser destinada a cobrir as garantias para a conclusão de um acordo sobre a dívida externa com os credores privados. Trata-se segundo Preston ressaltou de forma espontânea, de manifestação de confiança no programa econômico brasileiro. Também se abre, assim, perspectiva mais favorável para as próximas negociações sobre a dívida de 41 bilhões de dólares não incluída nos entendimentos atuais. O panorama, está visto, começa a desanuviar-se.

Além disso, acham-se em processo de montagem duas operações de grande

importância para assegurar reformulação em setores estratégicos da economia nacional. Collor colheu animadora receptividade do Bird para uma proposta do financiamento de projetos brasileiros, da ordem de 1,5 bilhão de dólares. Referem-se a aplicações no desenvolvimento de programas na área industrial e no reforço de investimentos em setores infra-estruturais. Ao mesmo tempo, encontram-se em fase final as gestões para a liberação de 900 milhões de dólares ao programa de reordenação do comércio exterior brasileiro.

É bem sabido que a movimentação do Brasil no cenário internacional ainda enfrenta restrições consideráveis. Não é de admirar semelhante circunstância, devida ao longo isolamento a que se condenou o País, com a imposição de barreiras à participação do capital estrangeiro e o exercício de políticas protecionistas obsoletas. Dentro de tal contexto, a ampliação de canais cooperativos com os agentes mais dinâmicos do crédito e do financiamento internacionais tem peso específico e gera convicções mais consistentes quanto ao futuro imediato.

Estranhável, por isso mesmo, a irritação do ministro da Ação Social, Ricardo Fiúza, em relação às ações do Bird, por ele consideradas extremamente burocráticas. Semelhante atitude destoa completamente do clima de entendimento e cordialidade que marcou o encontro do chefe do governo com o presidente do Bird, no qual se estabeleceu proveitoso compromisso de cooperação. É fato notório que, se existe burocracia paralizante, esta é praticada pelo Brasil, enquanto não formaliza corretamente os seus projetos nem concorre com a contrapartida em cruzeiros para viabilizá-los, pelo menos em prazos razoáveis. Ou faltam a Fiúza os elementos fáticos para enxergar a realidade ou carece ele de sensibilidade de política para distinguir as metas estratégicas do governo. Disfunção grave, em ambas as hipóteses.